VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

GILBERTO FREYRE E A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO SOBRE A CULINÁRIA NACIONAL

Rafaela Basso*

O presente artigo pretende analisar os discursos sobre a 'culinária nacional' presentes no pensamento de Gilberto Freyre. Para tanto, abordaremos o tema nas obras *Casa-Grande e Senzala* e *Manifesto Regionalista de 1926.* Podemos propor que a alimentação surge na obra de Gilberto Freyre, bem como na de outros intelectuais brasileiros, como um dos temas para compreensão da sociedade e da cultura brasileira. A escolha de Gilberto Freyre não foi arbitrária, pois além do seu trabalho ser importante para entender algumas das bases do pensamento político e social brasileiro nas primeiras décadas do século XX, ele acabou sendo o principal responsável pela formação da ideia de cozinha nacional que temos até hoje.

Antes de qualquer coisa, não me parece ocioso concedermos tempo e espaço neste artigo para contextualizar a obra de Gilberto Freyre, junto a produzida por Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr e Oliveira Viana, autores que entre as décadas iniciais do século XX se dedicaram a interpretação da sociedade brasileira e ficaram, por conta disso, conhecidos como *intérpretes do Brasil*. Em comum, podemos encontrar nesses trabalhos a preocupação com os rumos que a sociedade brasileira estava tomando. Para

* Doutoranda em História pela Universidade Estadual de Campinas. Possui graduação em História (2008) e mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2012) na área de Política, Memória e Cidade, onde desenvolveu pesquisa sobre as práticas alimentares dos paulistas (1650-1750).

tanto, tais autores voltavam-se para o passado e, a partir da discussão da herança colonial e do papel da mestiçagem, buscavam entender a formação e a singularidade do "caráter brasileiro"[1].

Tais preocupações sobre o caráter da formação da 'nação brasileira' têm ligação com a pretensão desses autores em entender, como aponta Maria Stella Bresciani, os problemas por eles constatados nas décadas iniciais do período republicano.[2] Ainda, nas palavras de tal historiadora, tais autores foram responsáveis por construir,

> A propalada incompatibilidade das ideias e das instituições de cunho liberal com a condição brasileira – interpretação da história do país saturada de carga emocional negativa, ressentida em sua formulação pessimista e altamente chocante pelo impacto da representação estética, a imagem de um país e ainda de uma nação, de configuração inconclusa e identidade ressentida e recalcada.[3]

Apesar de visualizarmos nesses intelectuais uma tendência de estabelecer uma visão 'negativa' do país, deve-se destacar que cada um deles utilizou instrumentos distintos para empreender a análise não só dos fracassos, como também dos sucessos da nação. Se de um lado a maioria argumentou que os problemas de seu presente estavam relacionados aos vícios de origem, como Sérgio Buarque de Holanda – o qual produziu uma visão negativa em relação a contribuição do português para formação da sociedade brasileira -, Gilberto Freyre argumentaria que tais problemas não estavam na origem da formação portuguesa do país, vista inclusive com bons olhos pelo autor, mais sim no século XIX, momento em que o país teria retrocedido a uma recolonização cultural.[4] Isso, no entanto, não significa que Gilberto Freyre não compartilhasse do ressentimento apontado por Maria Stella Bresciani, a diferença é que ele o situa em um contexto distinto, a saber, aquele que corresponde à crise da sociedade patriarcal. [5]

Apesar do embate que esses autores travaram tentando compreender os percursos do país ser datado das décadas de 1920 e 1930, deve-se ressaltar que as primeiras reflexões sobre essa questão remontam-se ao início do processo de formação

---

1 Maria Stella Martins Bresciani. *O charme da Ciência e a sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre os interpretes do Brasil.* 2 ª Ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2007 p. 24

2 *Idem* p.13

3 *Ibidem* p.48

4 *Ibidem* p. 14

5 *Ibidem* p. 114

do nosso país enquanto uma 'nação' independente. Como nos mostra Elias Palti, ao tratar dos problemas que se colocaram para as construções identitárias nos contextos de independências da América Hispânica, as reivindicações por narrativas genealógicas dos estado-nações ganharam fôlego no século XIX. [6] O autor assinala que as teses liberais, neste período, se consagraram na explicação da emergência das identidades nacionais, sendo responsáveis por construir a ideia de nação como uma entidade natural.[7]

No caso do Brasil, é a partir do processo de independência, que podemos situar o surgimento da ideia de que um estado-nação corresponderia a uma dada unidade territorial (real ou imaginada), identificada por sua língua, religião, costumes e, sobretudo, pela sua população. Tratava-se naquele momento de buscar as origens do Brasil, e neste contexto, a questão da identidade nacional vem à tona, sobretudo porque é partir dela que se apoiariam as bases da configuração do Brasil enquanto uma nação. Por trás da questão da identidade nacional está a busca pela "definição de uma origem, de um enredo histórico ou percurso coerente, de características físicas, psicológicas, culturais, definidoras e específicas de um país." [8]

A preocupação com as construções identitárias se tornaram cada vez mais presentes nas análises construídas no período compreendido entre o final do XIX e as primeiras décadas do século seguinte. Não é à toa que por aquela época, as narrativas sobre a construção do estado brasileiro buscariam nas figuras dos europeus, índios e negros a representação do povo brasileiro. Era necessário integrar a diversidade dos grupos que habitavam o território brasileiro através de um sentimento de pertencimento. E, obviamente, a cozinha, como umas das formas de expressão da cultura e da identidade de um povo, não estaria fora do escopo destes intelectuais. Neste sentido, nota-se que o surgimento do discurso sobre a formação da nação se deu concomitante aquele elaborado

---

6 Elias J. Palti. "El absolutismo monárquico y la génesis de la 'soberania nacional" in Márcia Naxara; Virginia, Camilotti. (Orgs) *Conceitos e linguagens: construções identitárias.* São Paulo: Intermeios, CAPES, 2013. p.33.

7 Como Izabel Marson nos apresenta, ao comentar o texto supracitado de Elias Palti, o objetivo de sua comunicação é problematizar duas explicações sobre a emergência das identidades na América Latina, no século XIX: "por um lado, a tese liberal clássica comumente remetida à imagem da 'nação pré-existente' organicamente concebida, ou a um 'conceito genealógico de nacionalidade', que se constituiu na segunda metade do século XIX; por outro, as leituras ditas *revisionistas* daquela tese, sobretudo as 'mais recentes' – em destaque pressupostos e assertivas de François-Xavier Guerra."Izabel Andrade Marson. "A natureza como artifício: tramas de conceitos e linguagens na tessitura da questão nacional na Europa e na América". in Márcia Naxara; Virginia, Camilotti. (Orgs). *Op. Cit* p.61

8 Maria Stella Martins Bresciani. *Op. Cit* p.42

sobre a culinária brasileira. Era necessário forjar tradições que unissem os diferentes povos que habitavam o Brasil e nada melhor que a cozinha para atuar nesse sentido.

A comida, tal como o território, a língua e a bandeira, se apresentava como um símbolo para formar a ideia de nação. Assim como nos mostra Carlos Alberto Dória, no momento em que

> (...) uma nação se constitui, vários símbolos se articulam, materializando o seu conceito. O desejo de ter uma literatura, uma pintura, uma música ou uma culinária funciona como diretriz do trabalho criativo; a ele se dedicam especialmente os intelectuais, peneirando o que entendem ser a "cultura do povo".[9]

Além de conciliar numa estrutura política que se expressa de modo centralizado, a construção da nação, ainda segundo este sociólogo, no que diz respeito à comida, é "favorecida pelo desenho de uma tradição partilhada por todos, sem contorno de classe ou etnia, ajudando a formar a noção de unidade que é tão fundamental nesse mesmo desenho (...)"[10]

E quem melhor que Gilberto Freyre para se comprometer com a busca de uma tradição partilhada por todos e a invenção de uma "identidade nacional" sobre uma matriz étnica miscigenada? No *manifesto regionalista de 1926*, Freyre dedicou várias passagens à temática da alimentação. É possível perceber que ele outorga à cozinha um elemento importante para a construção do 'nacional'. O leitor menos avisado poderá questionar esse intento, já que a proposta do texto é valorizar especialmente a tradição do Nordeste, procurando mostrar a sua ampla contribuição para a economia e cultura brasileira. Embora isso seja verdade, Gilberto Freyre não está comprometido com nenhuma espécie de separatismo. Ao contrário, ele parece querer que as regiões brasileiras se integrem numa verdadeira tradição nacional.

É a partir daí que devemos entender o 'nacionalismo culinário' defendido por Gilberto Freyre: para o autor a cozinha nacional corresponderia a uma somatória das diferentes cozinhas regionais. A maneira como ele representa a culinária nacional é coerente com sua própria ideia de nação. Em oposição a divisão de estados proposta pelo advento do regime republicano, ele propunha um

---

[9] Carlos Alberto Dória. *A formação da culinária brasileira*. São Paulo: Publifolha, 2009a. p.11

[10] Carlos Alberto Dória. *A culinária materialista*: *a construção racional do alimento e do prazer gastronômico.* São Paulo, SENAC, 2009b. p. 68

> (...) novo e flexível sistema em que as regiões mais importantes que os estados, se completem e se integrem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional. Pois são modos de ser – os caracterizados no brasileiro por suas formas regionais de expressão – que pedem estudos ou indagações dentro de um critério de inter-relação que ao mesmo tempo amplie, no nosso caso, o que é pernambucano, paraibano, (...) em nordestino, articule o que é nordestino em conjunto com o que é geral e difusamente brasileiro ou vagamente americano.[11]

Tal visão de cunho nacionalista, ao se voltar para a culinária, não impedia o autor de dar destaque para a cozinha do Nordeste, que na verdade seria para ele o berço da cultura brasileira autêntica. Nas palavras do folclorista, "o Nordeste tem o direito de considerar-se uma região que já grandemente contribuiu para dar à cultura ou à civilização brasileira autenticidade e originalidade e não apenas doçura ou tempero."[12]A alimentação, portanto, é usada como um elo com uma tradição que estaria se perdendo, ou seja, ela seria um elemento de resgate do valor histórico da região. Nota-se que o autor defende a presença no país de três regiões culinárias de destaque: a baiana, a nordestina e a mineira. Ao lado destas se acrescentariam outras tradições culinárias de menor relevância: a região do extremo norte, a fluminense e norte-paulista, a região gaúcha e o sertão.[13] Tais regiões receberiam cada uma, em diferentes graus de proporções, as influências étnicas de vários povos. Mas ele não deixa de argumentar que essas influências se equilibraram melhor na cozinha do Nordeste agrário, "onde não há nem excesso português, como na capital do Brasil, nem excesso africano, como na Bahia, nem quase exclusividade ameríndia, como no extremo Norte, porém o equilíbrio. O equilíbrio que Joaquim Nabuco atribuía à própria natureza pernambucana."[14]

Percebemos que os valores culinários do nordeste precisam ser defendidos contra o que ele supõe ser a crescente descaracterização de sua cozinha regional. O manifesto foi escrito em um momento de profundas transformações, decorrentes do processo de industrialização e urbanização vivido por várias regiões do país naquele momento. Desta forma, é possível vislumbrar, a preocupação de Gilberto Freyre com a

[11] Gilberto Freyre. Manifesto regionalista. (1926) Comentário: Antônio Dimas (USP). Disponível on-line em http://www.ufrgs.br/cdrom/freyre/freyre.pdf. Acesso dia 12/03/2013 p.2

[12] *Idem* p. 3

[13] *Ibidem* p.p. 5-6

[14] *Loc.Cit.*

descaracterização da cultura nordestina e a perda da importância política da região, frente à constituição da região Sudeste como principal centro político-econômico do país.

Ainda na defesa das tradições do nordeste, outro ponto essencial à compreensão é o combate ao estrangeirismo. Segundo ele, a região que teria por muito tempo permanecido incólume à influência dos estrangeiros, também estava sendo atingida pelo fenômeno da imigração. A historiadora Maria Stella Bresciani mostra, de maneira crítica, como para Gilberto Freyre, o bem sucedido empreendimento colonial dos portugueses não teria resistido ao processo de independência do Brasil:

> O rompimento com a mãe pátria abre as portas para que todo o tipo de influência estranha adentre o país e seja avidamente absorvida pelos brasileiros, modificando seus costumes, gostos e caráter. O que implica no mínimo a constatação de que a formação do brasileiro não estaria tão bem consolidada por ocasião da independência.[15]

A leitura do *Manifesto* aponta para a preocupação do autor com o perigo das influências estrangeiras. Ao lado da crítica ao francesismo, que era então o modelo de culinária almejado, vislumbra-se também um descontentamento com o crescente aumento da presença norte-americana neste âmbito, como fica evidente neste excerto: "são as muitas cozinheiras boas, pretas, pardas, morenas, brancas, que ainda existem por este Nordeste; que não se deixam corromper pela cozinha francesa nem pela indústria norte-americana das conservas".[16]

O que está por trás desta cruzada contra o estrangeirismo era o medo da perda da tradição culinária, que ele observava estar ocorrendo em sua época, com a crescente modernização dos centros urbanos. Nesse sentido, observou: "Todos os pratos tradicionais e regionais estão sob a ameaça de desaparecer, vencidos pelos estrangeiros e pelos do Rio".[17]

Depois de permanecer na Europa durante três anos, ao retornar ao Brasil, Gilberto Freyre lamenta: "um dos meus primeiros desapontamentos foi o de saber que a água de coco verde era refresco que não se servia nos cafés elegantes do Recife onde ninguém se devia lembrar de pedir uma tigela de arroz doce ou um prato de munguzá ou

[15] Maria Stella Martins Bresciani. *Op. Cit* p. 11

[16] Gilberto Freyre. *Op.Cit.* 1926 p. 10

[17] *Idem* p.8

uma tapioca molhada".[18] A questão parece ter sua razão de ser. Em seu projeto de construção de identidade e, consequentemente da cozinha brasileira, Gilberto Freyre necessita defender o nacional em oposição ao estrangeiro.

Subjacente a essa questão, estava a defesa da singularidade da cultura brasileira, através da busca de uma origem fundada na convivência inter-racial. Embora a cozinha brasileira seja apresentada como um conjunto de cozinhas regionais, ele também a tipifica a partir de uma natureza étnica. Não podemos esquecer que a caracterização de cada uma das regiões culinárias apresentadas, se dá a partir de uma matriz étnica, e, neste sentido, merecem destaque os ameríndios, africanos e portugueses. A influência portuguesa, por exemplo, se faria presente na extensão do litoral do Maranhão ao Rio de Janeiro. A africana se sobressai na Bahia e a ameríndia é apresentada como particularmente notável no extremo Norte. [19]

A mestiçagem racial garantiria a singularidade da formação brasileira e, neste âmbito, ele não deixa de visitar o recorrente debate da escravidão. De fato, ao longo de todo o *Manifesto*, Gilberto Freyre faz referências à época da escravidão, a qual não raro ele trata com saudosismo. Percebe-se no presente escrito, que ele busca trazer à tona as doces lembranças dos meninos criados nas casas-grandes, que estavam acostumados a terem em suas mesas,

> (...) vastas ceias de peixe de coco, de fritada de guaiamum, de pitu ou de camarão, de cascos de caranguejo e empadas de siri preparadas com pimenta. Já quase não há casa em que dia de aniversário na família os doces e bolos sejam todos feitos em casa pelas sinhás e pelas negras: cada doce mais gostoso que o outro.[20]

Já em 1933, na obra *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre vai nos apresentar uma análise do cotidiano brasileiro na época da escravidão, com a proposta de investigar as relações sociais que constituíam a originalidade da formação da sociedade brasileira, especialmente no que diz respeito à questão racial. Neste contexto, com relação à alimentação, nos deparamos neste livro com a ideia de que índios, negros e brancos construíram num só amalgama a cozinha brasileira. A análise sobre o tema presente em *Casa Grande e Senzala*, conforme apontado por Leila Algranti, mantém relação com a

[18] *Loc. Cit*

[19] *Ibidem* p.6

[20] *Ibidem* p.8

interpretação de Gilberto Freyre a respeito da colonização portuguesa, na qual ele destacou a capacidade de aclimatação do colonizador à nova terra.[21] Para o autor, o sucesso do empreendimento colonial deveu-se, entre outras coisas, à grande capacidade de aclimatação do português à cultura local.

Em seu artigo *Do império das "revoluções" ao império da escravidão*, Isabel Marson também chama atenção para o fato, mostrando como Gilberto Freyre lança mão do conceito de plasticidade do elemento lusitano e da "miscigenação racial" para explicar o bem sucedido e longevo empreendimento colonial português.[22]

Neste ponto, residiria para Gilberto Freyre a tese da originalidade da formação da nação brasileira frente à experiência europeia: uma sociedade nascida da miscigenação e assentada na grande propriedade territorial monocultora e na "família patriarcal". Tal tese, pautada na ideia da originalidade de nossa formação, se diferenciava daquela feita por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, onde este entendia a formação da sociedade brasileira como uma simples continuidade daquela que os portugueses teriam transplantados de maneira rudimentar para cá, juntamente com seus valores e práticas sociais. Aliás, ai residira a tese da falta de coesão social brasileira e da má formação de nossas instituições coloniais, conforme fica evidente no excerto a seguir:

> Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.[23]

Essa mácula de nossa formação só começaria a ser extirpada, na ótica do autor, no fim do século XIX, com o final da escravidão e o advento da República. Seria a partir desses dois marcos que se iniciaria a revolução brasileira, que apesar de inconclusa, vinha preparando

> (...) o terreno para um novo sistema, com o seu centro de gravidade não já nos dominós rurais, mas nos centros urbanos. Se o movimento que,

[21] Leila Mezan Algranti. *Op.Cit* p. 4

[22] Izabel Andrade Marson. "Do 'império das revoluções' ao 'império da escravidão': temas, argumentos e interpretações da história do império". *in História: questões e debates.* Ano 26 n 50 p.125-173.jan-jun.2009. p.162

[23] Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995 p.31

> através de todo o Império, não cessou de subverter as bases em que assentava nossa sociedade, ainda está longe , talvez de ter atingido o desenlace final (...) Ainda testemunhamos presentemente, e por certo continuaremos a testemunhar (...) as ressonâncias últimas do lento cataclismo, cujo sentido parece ser o do aniquilamento das raízes ibéricas de nossa cultura para a inauguração de um estilo novo (...) [24].

Em um caminho diametralmente oposto, Gilberto Freyre tem outra visão da colonização portuguesa. Diferentemente de Sérgio Buarque de Holanda que defende a incapacidade do português em criar algo novo na sociedade que aqui se estabeleceu, Gilberto Freyre argumenta a originalidade do empreendimento português em terras brasileiras. Vejamos o que o autor diz no prefácio da primeira edição de *Casa Grande e Senzala*:

> A casa-grande de engenho que o colonizador começou, ainda no século XVI, a levantar no Brasil (...) não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada do imperialismo português: sua atividade agrária e sedentária nos trópicos; seu patriarcalismo rural e escravocrata. Desde esse momento o português [...] tornou-se luso-brasileiro; o fundador de uma nova ordem econômica e social; o criador de um novo tipo de habitação. (...) Distanciado o brasileiro do Reinol por um século apenas de vida patriarcal e de atividade agrária nos trópicos já é quase outra raça (...).[25]

A ideia da singularidade também marcará presença na visão sobre a culinária brasileira presente em *Casa Grande e Senzala*. A cultura alimentar que teria sido gestada no seio da sociedade colonial seria bem diferente daquela que o português teria experimentado no além-mar. A íntima convivência que ele manteve com os indígenas e os africanos, fez com que mudasse quase que radicalmente sua dieta em favor da adoção de novos produtos e hábitos alimentares.[26]

Ao trabalhar as ideias de miscibilidade e aclimatabilidade, Gilberto Freyre faz um elogio às qualidades do colonizador que, teria desenvolvido tais características desde sua convivência com os mouros e africanos no Velho Mundo. De fato, é possível perceber na análise desta obra que Gilberto Freyre também elabora um discurso sobre a

---

[24] *Idem* p.172

[25] Gilberto Freyre. *Casa-Grande & Senzala*: *formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.* 21º Ed. Rio de Janeiro/Brasília. Livraria José Olympio Editora, 1981. p.lxiii(Prefácio a 1ª. ed. 1933)

[26] Rafaela Basso. .*A cultura alimentar paulista: uma civilização do milho? (1650-1750)*. Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP: Campinas, 2012. p.p10-11.

alimentação, a partir de uma matriz étnica miscigenada. Nela, podemos encontrar o argumento de que índios, negros e brancos teriam contribuído praticamente da mesma forma para a formação da nossa culinária. Embora, perceba-se que essas contribuições são tomadas como equivalentes, ele não deixa de dar um maior destaque àquela deixada pela cultura africana, como se visualiza no trecho abaixo:

> (...) a influência mais salutar tem sido a do africano: quer através dos valiosos alimentos, principalmente os vegetais, que por seu intermédio vieram-nos da África, quer através de seu regime alimentar melhor equilibrado do que o do branco – pelo menos aqui durante a escravidão.[27]

Conforme nos mostra Leila Algranti, o autor argumentou que a influência africana se fez presente,

> não só nas técnicas e processamento dos alimentos em vários pratos, mas também nos temperos utilizados, nos doces e nas sobremesas. Enfim, uma cozinha colonial que denominou de afro-brasileira, a qual teria se prolongado até a independência, quando se iniciaria o processo de desafricanização, em função da maior participação dos imigrantes estrangeiros nas práticas alimentares dos brasileiros.[28]

Não podemos esquecer que Gilberto Freyre concede uma importância decisiva aos negros na constituição da cultura nacional e no nosso modo de ser mais íntimo, a ponto de argumentar que eles eram o grupo que tinham a melhor alimentação no Brasil dos primeiros tempos. Ao fazer tal assertiva, podemos propor que o autor acaba deixando de lado as poucas opções que lhes estavam disponíveis e, portanto, os conflitos e negociações presentes na formação da culinária nacional. Portanto, a mesma valorização que ele faz da culinária regional brasileira, encontramos em relação à culinária africana. O grande problema dessa postura é que ele trata a contribuição da influência africana como equivalente à europeia, como se não houvesse hierarquia real entre elas e a imposição de uma dieta europeia sobre a africana.

Por fim, não podemos esquecer que o tema da alimentação integrou "o modelo analítico de Gilberto Freyre acerca da economia monocultora, no qual ele argumentou que o sistema escravocrata e latifundiário de produção acabaria trazendo consequências

[27] Gilberto Freyre.*Op.Cit* 1981 p.44

[28] Leila Mezan Algranti. *Op.Cit* 2007 p. 4

negativas para a dieta alimentar da maioria da população colonial".[29]A economia latifundiária, o abandono da agricultura de subsistência, além das condições geológicas e meteorológicas, acabariam marcando o regime alimentar dos colonos brasileiros pela instabilidade, deficiência e escassez.[30]

Logo, buscou-se neste artigo analisar a criação do discurso sobre a culinária brasileira presente no pensamento de Gilberto Freyre. É inquestionável o pioneirismo do autor em explorar a alimentação em suas principais obras, sobretudo por ser esse um tema que só recentemente ganhou espaço na área acadêmica A despeito disso, temos que entender a alimentação como parte integrante de sua interpretação maior sobre a formação da sociedade brasileira, de suas tradições étnicas e culturais. Tanto em *Manifesto Regionalista* como em *Casa Grande e Senzala* é possível visualizar um projeto político de reinterpretar as origens coloniais da sociedade brasileira, tendo em vista empreender a valorização das potencialidades de nossa formação mestiça para a imposição de um projeto 'democrático' para o país.

Como vimos, ao abordar a cozinha, a partir de uma matriz étnica interpretativa, Gilberto Freyre foi responsável por cristalizar uma imagem miscigenada e pacífica da culinária nacional, que teria sido formada pelo amálgama das contribuições culinárias dos europeus, índios e negros. É possível identificar também na sua interpretação, uma visão regionalista, onde as divisões são apresentadas de maneira arbitrária, já que as características históricas e geográficas das regiões por ele definidas não são colocadas em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan. "História e cultura da alimentação na América Portuguesa – tradição e mudanças (uma análise historiográfica)". I Colóquio de história e cultura da alimentação: saber e sabor – história, comida, identidade, Universidade Federal do Paraná, agosto de 2007.

ANDERSON, Benedict (1983). Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a expansão do Nacionalismo. Lisboa: edições 70, 2005.

[29] Rafaela Basso. *Op. Cit* p.10

[30] Freyre. *Op.Cit* 1981 p. 32.

BASSO, Rafaela. A cultura alimentar paulista: uma civilização do milho? (1650-1750). Dissertação de Mestrado. IFCH/UNICAMP: Campinas, 2012.

COSTA, Valeriano Mendes Ferreira. "Vertentes democráticas em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque". *in* Lua Nova: Revista de Cultura e Política no.26 São Paulo Aug. 1992

Disponível on-line em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451992000200008. Acesso dia 15/06/2014.

DÓRIA, Carlos Alberto. A formação da culinária brasileira. São Paulo: Publifolha, 2009a.

_____. A culinária materialista: a construção racional do alimento e do prazer gastronômico. São Paulo, SENAC, 2009b.

FREYRE, Gilberto (1926). *Manifesto regionalista*. Comentário: Antônio Dimas (USP). Disponível on-line em http://www.ufrgs.br/cdrom/freyre/freyre.pdf. Acesso dia 12/03/2013.

_____. (1933) *Casa grande e senzala*. 21ª ed. Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio Editora, 1981.

GEARY, Patrick J. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RENAN, Ernest - O que é uma nação? Conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882. Disponível on-line em http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf . Acesso dia 05/06/2013

SCHWARZ, Roberto. "As ideias fora do lugar". *in Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades. Ed34,2000.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. "As ideias estão no lugar". *Cadernos de debate*. São Paulo, Brasiliense, 1976.

MARSON, Izabel Andrade. "Do 'império das revoluções'ao 'império da escravidão': temas, argumentos e interpretações da história do império". *in História: questões e debates*. Ano 26 n 50 p.125-173.jan-jun.2009.

NAXARA, Márcia; CAMILOTTI, Virginia. (Orgs) *Conceitos e linguagens: construções identitárias*. São Paulo: Intermeios, CAPES, 2013. Parte 1: Pátria/Nação – Fernando Catroga, Elias Palti e Izabel Marson.

BRESCIANI. Maria Stella Martins. O *charme da Ciência e a sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre os interpretes do Brasil*. 2 ª Ed. São Paulo: Editora da UNESP,2007.